

CORREIO DA VILHA

Semanario
independente, noticioso e litterario
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.
Rua de Sá Noronha, 51
—
PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
NA
RUA DE S. MIGUEL N.º 36
—
PORTO

Não se devolvem originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

O MONUMENTO A CAMÕES

Referindo-nos, ha tempos, ao monumento a Camões que deveria ser inaugurado em Paris, no dia 1 de dezembro, sob a presidencia do snr. D. Manuel II, dissemos que o Rei de Portugal ia assistir á melhor das festas com que podiam acolhê-lo no estrangeiro.

Não assistiu, pela simples razão de que não se inaugurou o monumento. E porque não se inaugurou?

Emquanto não conhecemos os verdadeiros motivos, tomemos a nós mesmo, por varias vezes, estas perguntas: O governo francez oppor-se-ia? A França manifestar-se-ia contra de qualquer modo? Teria havido descuido por parte da commissão organisadora? Teriam surgido difficuldades que a obrigassem a adiar a inauguração?

Tudo suppozemos, menos a verdade apparente. E dizemos apparente, porque estamos convencido de que todas as razões apresentadas pelo nosso ministro em França, para justificar a sua opposição, sendo singularmente futeis, encobrem a unica verdadeira.

Dispensam commentarios. Basta regista-las, o que fazemos, transcrevendo-as da *Carta de Paris, do Primeiro de Janeiro*:

1.º— Que se oppunha á manifestação de que se tratava, porque, além de nada saber sobre o monumento em questão, e bem assim de não achar o monumento opportuno, sua majestade tinha o tempo da sua estada em Paris por tal modo tomado que lhe era impossivel presidir á cerimonia.

2.º— Que apesar de reconhecer o talento do sr. Teixeira Lopes, não lhe parecia que o monumento reunisse as condições desejadas.

3.º— Que não julgava que os organisadores tivessem o direito e autoridade de se occupar da criação de um tal monumento sem que previamente fosse consultado, se não o paiz inteiro, pelo menos as camaras municipaes, e sem que se constituísse uma grande commissão em Portugal para obter os fundos necessarios.

4.º— Que não era de opinião que a inauguração se fizesse com a *maquette* que elle de resto não conhecia, ma sim com o monumento propriamente dito.

5.º— Que achava a avenida Camões pequena e o lugar destinado ao monumento igualmente acanhado para o grande vulto que era Camões.

Estas cinco razões encobrem uma que julgamos ser

a unica real: o nosso governo receou relindrar a Hespanha, consentindo que se inaugurasse um monumento ao maior dos Portuguezes no dia que recorda a data historica em que Portuguezes dos maiores libertaram Portugal do jugo hespanhol. Ao maior dos Portuguezes «que não se limitou a morrer na patria, mas morreu com ella», tal era o amor que lhe tinha. Immenso amor que transmittiu ás gerações futuras, legando-lhes, em versos immortaes, a historia «do maior povo», que não podia morrer para sempre, mas precisava de adormecer para descansar.

Camões, não podendo evitar que Portugal, cheio de cansaço, se deixasse cair nas mãos da Hespanha, é ainda quem o accorda, apontando-lhe nas estrophes sublimes dos *Lusiadas* o seu incontestavel direito á independencia.

Por tudo isto a Hespanha poderia melindrar-se. Talvez. Seria um capricho... feminil, que, não sendo satisfeito, a indisporia.

O governo portuguez, cheio de generosidade e gallardia, quiz ser gentil. Mas deu provas de fraqueza. Revelou que hoje não poderiamos ter um Camões, porque somos indigno d'elle. Justificou a indifferença, se não o desprezo, que nos votam as grandes nações.

NOTAS LIGEIRAS

CAÇADA

Em data de 30 de novembro veio de Paris esta noticia em telegramma:

O Rei D. Manuel e o presidente Fallières partiram hoje, ás 9 horas e um quarto da manhã, para ir caçar na floresta de Sambouillet.

Razão tinha o sr. Conde de Sousa Rosa para se oppôr á inauguração do monumento a Camões, com o fundamento de que sua magestade tinha tomado todo o tempo da sua estada em Pariz...

COLONIA HUNGARA

A colonia de húngaros, que esteve no Porto durante alguns mezes, retirou ha dias para Lisboa onde se installou na Cova da Onça.

Como era natural, grande numero de curiosos apressou-se a ir visital-os. Nada tem isso

de estranhavel. Mas o que espanta, fazendo-nos duvidar se vivemos num paiz civilisado, são as extraordinarias façanhas dos gatunos que em grande numero correram tambem á Cova da Onça.

Ahi vae a descripção que d'ellas faz um diario do Porto, em correspondencia de Lisboa:

A certa altura, os gatunos investiram contra as barracas, rasgando-as, e atiraram-se aos húngaros, tentando roubar-lhes os adornos de prata e ouro que trazem. Derrubaram um altar, fizeram rolar pelo chão as imagens, agrediram os pobres homens, emfim fizeram taes desmandos que muita gente honesta, que alli se encontrava tambem, retirou indignada, indo algumas pessoas referir o caso á esquadra de S. Sebastião da Pedreira. Foi isto cerca da 1 hora da tarde.

A MISERIA NAS RUAS

Do «Primeiro de Janeiro» transcrevemos o seguinte:

Informam-nos de que anda por essas ruas uma mulher com uma criança ao collo e que ao ver approximar-se gente lança-se ao chão, espumando pela bocca, arranhando-se e rasgando a roupa. Junta-se gente, condõe-se da infeliz e soccorre-a.

Ha annos andava tambem por essas ruas um homem que tinha os mesmos «ataques» e depois averiguou-se que eram fingidos. Por um pataco, simulava esses «ataques», mettendo um pedaço de sabão na bocca para fazer a espuma — mas, declarava elle, por aquelle preço não rasgava a roupa.

Não sabemos se os ataques da desgraçada d'agora — porque, de qualquer forma, ella é uma desgraçada — são verdadeiros ou fingidos. O caso principal é este: quando se agglomera gente em redor da infeliz praticam-se furtos.

Segundo nos informam, apparece n'esses «antamentos um malandrote, regularmente vestido, que pratica esses furtos, sendo um d'elles, que nos conste, de 45500 reis, a uma pobre vendilhona de pão, que ia levar aquella quantia á padaria de que é empregada.

Chamamos para o caso a attenção da policia para ella averiguar se á sombra da caridade publica se exerce uma ignobil exploração.

Não conhecemos os resultados a que a policia chegou, se é que já procedeu a averiguações. Mas, porque sabemos quanta exploração se pratica nas ruas do Porto, não nos repugna acreditar que a desgraçada a que se refere a noticia do «Primeiro de Janeiro» tenha sido contratada para fingir ataques, ao vér approximar-se gente. Factos desta natureza hão-de dar-se, enquanto o Estado permittir que a miseria se exhiba nas ruas.

Gasta-se tanto dinheiro inutilmente que poderia ser aproveitado para a fundação de hospicios destinados a recolher os que não podem viver sem o auxilio da caridade...

GRALHAS

No numero anterior, como, afinal, acontece em quasi todos, o nosso jornal veio cheio de *gralhas*, desde o primeiro artigo á ultima noticia.

Consequencias do revisor ter varios officios. Bem se diz que não se póde cavar na vinha e no bacélo ao mesmo tempo.

Ora seja tudo em desconto dos peccados dos... amaveis leitores.

O que é o «Povo d'Aveiro»

Vivemos na segunda cidade do reino. Ninguem extranhará, portanto, que tenhamos ouvido a opinião de muitas pessoas a respeito da nossa attitude perante o *Povo d'Aveiro*. E é interessante que todas fallam pela mesma bocca: «Você disse tudo d'uma vez, e disse-o de tal maneira que apenas lhe deixou uma porta aberta—a do insulto. Não hesitará elle em a aproveitar. Não tenha duvidas sobre isso. E' vicio que lhe está na massa do sangue. Você, ingenuamente, ainda suppoz que elle era capaz de discutir com dignidade, com nobreza, com decencia. Mostrou que não sabe com quem lida. Mas vae sabê-lo em breve. E, desde que o saiba, calla-se. Convença-se d'isso: a sua honestidade exige-o»

Assim nos fallaram, alem de varios amigos, muitas pessoas que conhecem da nossa vida o bastante para dizer isto: *a sua honestidade exige-o*.

Bem sentiamos que os nossos conselheiros fallavam com convicção inabalavel. E bem sabiamos que não havia um unico motivo para os julgar parciais. Mas pensámos sempre que se enganassem. Não podiamos convencer-nos de que o director do *Povo d'Aveiro*, «o primeiro polemista da raça portugueza», como lhe chamou, ha dias, uma gazeta monarchica da provincia, perdesse tão facilmente a serenidade e lançasse tão depressa mão da unica arma dos mediocres — o insulto. Mas temos de convencer-nos agora. Perante factos não é legitima a duvida. Não o conheciamos. Mas elle mesmo se encarregou de revelar-se-nos.

Deante da verdade esmagadora, reconhecendo a impossibilidade de defender-se honestamente, irrita-se, perde a cabeça, julga-se um perseguido, e desprende um rosario de insultos — o supremo argumento dos vencidos.

Revelou-se-nos um desvairado, que deve passar noites horrosas, com visões terriveis. Sofre da peor das doenças: a mania da perseguição. A sua existencia deve ser um martyrio, sentindo-se a cada momento envolvido pela sombra horripilante de «certos bandidos» que estão encarregados de ir a Aveiro cortar-lhe o pescoço... (1)

Os nossos conselheiros diziam a verdade. A nossa honestidade im-

(1) Vide o artigo *Assassinos* publicado no *Povo d'Aveiro*, de 28 de novembro de 1909.

põe-nos que não tornemos a responder ao *Povo d'Aveiro*. Fazê-lo seria dar-lhe razão.

Pois qual é a unica maneira de responder-lhe? Insulta-lo, como elle faz. Usar dos mesmos processos de que elle usa. Dos processos que condemnamos e havemos de condemnar sempre, enquanto manejarmos uma penna.

E, se procedessemos d'esse modo, o que demonstravamos? Que eramos mais do que *velhaco*, que eramos mais do que *parvo*.

Não! Nós sentimo-nos com a honestidade bastante e com a intelligencia precisa para... não dar razão ao *Povo d'Aveiro*.

Este jornal tornou-se absolutamente indigno de que discutamos com elle. Fazê-lo seria descer. Mas não o havemos de fazer. Exige-o a nossa dignidade. Impõe-no a nossa intelligencia. E, se isto não fosse bastante, exigiam-no as responsabilidades que contrahimos para com quem nos lê.

Temos muitas vezes accentuado que não creámos um jornal para provocar ou manter questões pessoais. E se respondessemos ao *Povo d'Aveiro*, servindo-nos do unico processo condigno, manteriamos uma questão pessoal.

A nossa honestidade e a nossa intelligencia hão-de livrar-nos de tal incoherencia que só por si seria bastante para acharmos justo que nos chamassem mais do que *parvo*, mais do que *velhaco*.

* *

Quer isto dizer que demos por terminada a missão, que nos impuzemos, de provar que o *Povo d'Aveiro*, na sua phase actual, longe de educar, desorienta, longe de moralisar, perverte o sentimento de quem o lê? Que pelos seus processos de ataque, reveladores do espirito desequilibrado de quem o escreve, é um dos grandes males do nosso paiz? Que agrava o estado de degenerescencia do povo portuguez? Que exerce uma influencia deletéria em quem não tenha o criterio sufficientemente apurado para discriminar a verdade do erro? Que leva ao desanimo, ao pessimismo, os que, aneando por um melhoramento na vida nacional, acreditam na affirmação, mil vezes repetida, de que metade, pelo menos, dos cidadãos que orientam o paiz são incapazes moral e intellectualmente?

Não! se o fizéssemos, dariamos uma prova de fraqueza. Deixariamos de cumprir um dever. Um dever social. Porque, a bem da sociedade portugueza, é preciso mostrar o que representa o *Povo d'Aveiro*. E por uma razão clara: elle orienta parte d'ella. Tem adoradores que abraçam, como dogmas, as suas affirmações. Ha quem o supponha... um Alkorão. Quem tome a sua doutrina por... uma religião revelada.

E' um dever mostrar o que representa o *Povo d'Aveiro*, principalmente pela qualidade dos seus adoradores. Não dizemos — dos seus leitores — porque ha quem o leia sem o adorar. Quem o leia apenas com o interesse de estudar um detalhe da vida portugueza. Para estes o *Povo d'Aveiro* não

constitue um perigo: geralmente illustrados, tem o criterio bastante para saberem onde está a verdade e o erro.

O mesmo não acontece com os seus adoradores. Illustrados ou não, o fanatismo não os deixa ver claro.

Nós conhecemos-os bem. Dois factos os revelaram. Dois factos que vamos narrar com toda a verdade. E com toda a simplicidade. Não fazendo, sequer, ... romance historico.

Eis o primeiro:

Já lá vão alguns mezes, encontramos-nos na Livraria Martins, aos Clerigos, com um nosso contemporaneo da Universidade, que, ao terminar o seu quinto anno juridico, assentou praça no partido franquista que então occupava o poder.

Depois dos cumprimentos do estylo, o nosso companheiro de Coimbra, saiu-se-nos com esta: «Parabéns! Parabéns! Você tem mettido um figurão nos comícios republicanos!»

Não ficámos espantado, porque de ha muito estamos prevenido para tal equivoco. Demos-lhe a nossa resposta invariavel: «Você está enganado. Está a confundir-me com o dr. Alfredo de Magalhães, da Escola Medica.»

O amavel collega, esboçando um sorriso, deixou ouvir um *desculpe*, e dizendo «lamentar muito a nossa infelicidade por termos um homonymo no partido republicano, desatou a dar para baixo neste, deixando perceber contra alguns dos seus homens um profundissimo odio que accentuou com esta monstruosidade:

«Se o Affonso Costa ficasse agora esmagado debaixo d'aquelle electrico eu sentia um momento de alegria.»

Lê o *Povo d'Aveiro* o nosso contemporaneo. E' um dos seus adoradores. E' um dos que abraçam as suas afirmações como dogmas. E' um dos adeptos do... *Novissimo Testamento*. Um adepto com todos os symptomas da intolerancia, do fanatismo que caracterizam as religiões na sua infancia.

Apontemos o outro facto:

Costumámos, todos os dias, fazer a nossa paragem num kiosque da Rua de Cedofeita, onde compramos os jornaes que habitualmente lêmos. E paramos, para comprar estes e para passar uma vista d'olhos pelos outros, já que não podemos compra-los todos. O proprietario do kiosque, que nos tem na conta de bom freguez, permite-nos... este abuso.

Ha tempos, n'uma d'essas paragens, pegámos por acaso num semanario que nunca tinhamos visto—*O Grito do Povo*. Notámos logo que já existia ha uns bons onze annos e este facto despertou-nos a curiosidade de conhecer a sua orientação. Depois de termos lido parte de dois artigos, convencemo-nos de que se tratava d'um

A recordação preciosa

CATULLE MENDÉS

Logo que entraram na luminosa sala de paredes de porphiro rosa, incrustadas de amethistas, os tres jovens principes, Aymon, Colomban e Roselin, o primeiro de dezeseite annos, o segundo de dezeseite e o mais novo de quinze, dirigiram-se á presença do bom Genio, que os aguardava assentado em um throno de ebano, tendo deitado aos pés um gigantesco dragão.

—Illustre Genio, disseram os tres principes, vós, que adquiriste, em virtude de tantos prodigios e de tão generosas acções, uma fama sem igual em todos os paizes, sabeí que

jornal catholico, accentuadamente reaccionario.

Com esta impressão, seguimos o nosso caminho. A' tarde, na volta para casa, fizemos nova paragem.

«Ainda bem, diz-nos o dono do kiosque, ainda bem que v. apparece. Tenho aqui uma encomenda para lhe entregar»—e apresentou-nos um cartão em que se destacava a vera effigie do sr. D. Manuel II, acompanhada de quatorze pessimos versos, á moda de soneto, nos quaes se invocavam todos os santos e santas do reino celestial em favor da «preciosa vida» de Sua Magestade...

Dispunhamo-nos a interrogar o proprietario do kiosque sobre a proveniencia da offerta, quando elle, apresentando-nos um embrulho, diz: «tambem me pediram para lhe entregar isto».

Desembrusalhámos—e os nossos olhos batem com alguns numeros d'A *Cruzada* gazeta da familia do *Grito do Povo*, mas mais reaccionaria ainda.

Estavamos deante d'um mysterio—que o kiosqueiro desvendou. «Emquanto v., conta elle, estive a lêr o *Grito do Povo*, veio aqui um meu freguez que é apaixonadissimo por esse jornal. Notei que elle olhou para si com interesse. Passado algum tempo depois de v. se ter ido embora, appareceu de novo e, perguntando-me quem v. era, pediu-me para lhe entregar o cartão com o retrato do D. Manuel e a *Cruzada* justificando a offerta com estas palavras: «parece-me que elle é dos meus. Ha mais gente boa do que se suppõe.»

Não maçamos o kiosqueiro com commentarios. O mesmo faremos agora. Basta dizer que o amavel offe-rente lê o *Povo d'Aveiro*. Mais: é um dos seus propagandistas na capital do Norte. No kiosque, a que nos temos referido, sabemos nós que elle se vende por sua conta. O kiosqueiro não attendia os pedidos que ha muito tempo lhe fazia para o pôr á venda. Serviuse de todos os meios, baldadamente, até que um dia, para o convencer, teve de dizer-lhe: *eu assumo a responsabilidade de ficar com os exemplares que v. não vender.*

Eis apontados dois factos, absolutamente authenticos, que são a synthese da obra do *Povo d'Aveiro* nos ultimos tempos. A nação está a ser altamente prejudicada com ella, porque—é uma obra regressiva.

Justifica, portanto, a nossa campanha.

Nós vamos cumprir um dever. E havemos de cumprilo com dignidade, não nos afastando um ápice da linha que nos traçam a nossa honestidade intellectual e moral.

Não diremos *absolutamente nada* que possa fazer suppor que sustentámos uma campanha pessoal; mas havemos de dizer *tudo*, que, representando a verdade, seja necessario para apontar o erro e a mentira—o erro e a mentira que

nós somos filhos do rei, que ambicionamos ser poetas.

Ouvindo-os, o bom Encantador desatou a rir na sua esplendida barba de um branco auri rosado.

—Só isto? volveu elle. Poetas? Os meninos querem ser poetas? Isto é, simples herdeiros de monarchas, pretendem assimillar-se aos deuses triumphantes? Ser poeta, creanças, é nada, ignorar, é não desejar cousa alguma, visto que tudo se possui, achando-se entretanto na posse, as illimitadas delicias do desejo insaciado. Aquelle a quem foi authorgado o dom da poesia, vive no eterno encantamento dos rythmos que o embalam, piza tapetes de purpura e flores, e tem a trout nas estrellas.

Os passaros amam-o, as rosas adoram-o, as mulheres idolatram-o! Desejam ser poetas? Creio, e admiro o seu arrojol! Ignoram, talvez, que sua ousadia poderia instigar-me a

não nos prejudicam *individualmente*, o que não teria gravidade nenhuma, mas que prejudicam a sociedade de que fazemos parte, o que é muito grave.

Está aberta a sessão.

GAZETILHA

Entre os burros das moleiras
—Algumas bem *catitinhas*—
Que em *marche-marche*, ligeiras,
Vinham todas prazeteiras
Distribuir as farinhas,

Que os pais da philosophia
Em taleigos remendados
Carregavam dia a dia
Sem tristeza ou alegria
Nos seus miseros costados,

Notava-se um, cantador,
(Era o burro da Charóla)
Chibante, namorador,
Que zurrava com ardor
Quando o prendiam á argola

Nas ruinas da cadeia
Ao largo do Pelourinho,
Onde hoje se pavoneia
A escola régia, candeia
De clarão muito vivinho.

Era o velho pardieiro
O *casino assaz loução*
De todo o rapaz bréigeiro
Que ia jogar a dinheiro
Bella *cachola* ou botão.

Acêrca d'este *casino*
Podem de papo fallar
O Zé Nato — um *ponto* fino —
O Vatel de muito fino.
O Caçudo (1) e o Balthazar.

Muito mestre na materia
Medrava por Eixo outr'ora
Que hoje virá com a *léria*
De te encontrar pouco séria
O' mocidade d'agora!

Não havia melhor local
Que o largo do Pelourinho
Para quartel general
Do exercito do Fial
Feito de tanto burrinho.

Mal o burro da Charóla,
Um janota de valia,
Levantava, o marió'a,
A linda voz, punha tola
A restante companhia.

Atraz deste companheiro
Não querem ficar os mais
E, dentro em pouco o berreiro,
Que se ouvia por Eixo inteiro
Tinha uns laivos infernaes.

Eram taes zurras de amor,
De ciume, ou de revolta?
Num *xe xabe*. Mas o *calor*
Era nos machos maior
Pois se q'riam ver á solta.

Surgia então de corrida
A mocidade ratona
De ásperos tojos munida;
E era cousa divertida
Ver os burros numa *fôna*.

mandal-os expulsar do meu palacio por esses gigantes pretos, vestidos de setim encarnado, que são os meus creados?

A sua mocidade, porem, absolvo-os a meus olhos. Consinto em dispensar-lhes a minha protecção. Prometo-lhes que um dos tres será poeta. Ordeno-o! e sei, meus principesinhos, que não agradecer-me de joelhos.

Os principes prostraram-se effectivamente, aos pés do Genio, possuidos da mais entranhada gratidão.

—Qual de nós será poeta, illustre Magico? perguntaram, anciosos.

Aquelle que se mostrar menos indigno da gloria a que aspira! Oicam-me bem, acrescentou o Genio. Durante um anno, os principes percorrerão o mundo, cada um para um sitio differente: Analysarão as pessoas e as cousas; em seguida regressarão ao meu palacio de prophiro

Nos antípodas da bocca
Co'os tojos espicados,
Ei-los todos á *matroca*,
Havendo entre elles a troca
De coices endiabrados.

Cousas destas não mais vi!
Era um *pagode chinez!*
Fólles aos tombos p'ra aqui,
Risos em *bará* p'ra ali,
E berros por sua vez,

Erguidos pelas moleiras
Que afinal é quem pagavam
Todas essas brincadeiras
Assim feitas por maneiras
De que os rapazes gostavam.

O Man'el Nunes que diga
—Que bem no póde dizer—
Quaes os membros dessa liga
Que tantas dor's de barriga
A's pobres fizeram ter.

27-11-909.

EL-VIDALONGA

(1) O auctor ignora o destino que teve este rapaz.

NOTICIARIO

Alexandre Herculano—Os estudantes de Coimbra tomam a iniciativa de festejar o centenario de Alexandre Herculano. Com o fim de conseguirem a adhesão da academia d'Aveiro, estiveram, ha dias, nesta cidade os alumnos da Universidade srs. Orlando Marçal, José Luiz d'Almeida, Antonio Monteiro e Ernesto Thomé. Ficou assente, desde já, que a academia aveirense se faça representar no centenario.

Asylo—A camara municipal d'Aveiro, na sua sessão de 30 de novembro, deferiu o requerimento apresentado por Joaquina de Jesus, viuva, d'esta villa, a qual pedia para ser admittido no Asylo-Escola, d'aquella cidade, o seu filho Marcelino.

José Estevão—A camara municipal d'Aveiro, por proposta do seu presidente, resolveu, na sua sessão de 30 de novembro, collocar uma corôa de bronze na sepultura do grande tribuno José Estevão, no dia do centenario.

A referida corôa terá a seguinte legenda: «A Camara Municipal d'Aveiro a José Estevão Coelho de Magalhães no dia do seu centenario, 26 de dezembro de 1909.»

Dissemos no ultimo n.º que as festas se realisariam em Aveiro nos dias 25 e 26. Assim havia sido resolvido, mas a comissão, reunida novamente, assentou em que tivessem lugar nos dias 26 e 27, sendo o programma, sujeito ainda a ligeiras alterações, o que publicámos no numero anterior.

Pela imprensa—Deve principiar a publicar-se hoje, na capital do Norte, um novo diario monarchico com o titulo de «O Porto», dirigido pelo sr. major Henrique Baptista.

No dia 1 de janeiro deve principiar a publicar-se no Porto um bisemanario denominado *Dis-*

rosa incrustado de amethistas; e aquelle que me trouxe a recordação mais preciosa, outhorgarei o dom da poesia.

*

Logo que findou o anno, os tres principes apresentaram-se na morada do illustre Magico, enja barba era da cor das rosas brancas.

Inclinaram-se profundamente, porque tinham sido muito bem educados na corte de seu pai, e sabiam que genero de attenções merecem os entes sobrenaturaes, que se chamam encantadores.

O Genio interrogou-os:

—Então, principesinhos, o que lhes succedeu nas suas viagens? Qual foi a cousa, entre todas, que despertou de preferéncia a sua admiração?

Falla antes de teus irmãos, tu,

trito do Porio, e dirigido pelo sr. Bento José da Costa, sub-inspector escolar em Villa Nova de Gaya.

Será orgão do partido regenerador, inspirando-se na politica do sr. Campos Henriques.

Instrução primaria—Foi inaugurada, no dia 1 de dezembro, a escola mixta do logar de Bolfiar, do concelho d'Agueda.

Nomeação—Foi nomeado ajudante do conservador de Vagos o sr. Dr. Fernão Corte-Real, de Agueda.

Desastres—Estando, no dia 1, um filho do nosso conterraneo sr. Manuel Marques Rodrigues a aporpear um pinheiro, para serrar, o machado saltou-lhe ao pé direito, cortando-lhe dois dedos.

O ferido foi pensado pelo distincto clinico sr. dr. Eduardo de Moura na pharmacia do sr. Aristides de Figueiredo.

—Ha dias, morreu afogado em frente á praia da Torreira Adão Maiato, de 23 annos, do Bunheiro, que se lançou á agua a fim de apanhar o chapéu d'uma pessoa da sua familia.

Um rapaz seu amigo ainda acudiu em seu soccorro, mas já o não pôde salvar.

—O fogueteiro Manuel Ribeiro, de Oya, concelho de Oliveira do Bairro, estando a trabalhar na sua officina, na tarde do dia 27 de novembro, poisou uma ponta de cigarro que julgava estar apagada. Passado pouco tempo, viu, com grande assombro, romper o fogo d'uma porção de polvora que estava perto d'elle. Fugindo para a rua immediatamente, soffreu apenas algumas queimaduras. Da casa ficaram apenas de pe as paredes, sendo tudo que estava dentro d'ella reduzido a cinzas.

Baptizados—Baptisaram-se, ultimamente, na igreja d'esta freguezia, quatro creanças, duas do sexo masculino e duas do sexo feminino. As primeiras, respectivamente filhas dos srs Viriato Moreira Longo e Abel Marques da Cruz, receberam os nomes de Antonio e José; as segundas, respectivamente filhas dos srs. Augusto Marques de Moraes e Manuel dos Santos Vagueiro, receberam os de Aurora e Rosa.

A subscrição para o Riba-tejo—O total até hoje subscripto e recebido pela comissão nacional de soccorros para o Ribatejo ascende a 315:767\$525 reis.

O gigante José Lopes—Chegou na quinta-feira ao Porto o gigante portuguez José Lopes, de 20 annos, natural do Algarve, que setem exhibido em Lisboa, com grande pasmo dos curiosos, pois que elle mede nada menos de 2,º mro.

Apresentou-se já hontem ao publico da capital do Norte no salão dos Girondinos, a rua de Alexandre Herculano.

Festividade—Festeja-se hoje, no logar d'Horta, d'esta freguezia, a Santa Barbara. Haverá, como nos annos anteriores, missa solemne, procissão e arraial.

A missa será cantada pelo digno parochio d'aqui, sr. padre Ma-

Aymon, que é o mais velho.

—O que se me affigrou verdadeiramente sublime, exclamou Aymon com o olhar radiante, foi uma batalha, presenciada ao cair da tarde, em uma vasta planicie! As armaduras, contundindo-se, vibravam e faiscavam. As bandeiras pairavam acima do tumulto, como grandes aves terriveis, batendo as azas dilaceradas. Os gritos de victoria, resoando no turbilhão, confundiam-se com o estertor dos muribundos. As espadas estremeciam no ar, luminosas e flexiveis, como um milhão de hastes floridas, de relampagos de aço. E enquanto os vencidos, sangrentos e espavoridos, desapareciam no extremo horizonte, surgiu no alto da collina um cavallo branco, na irradiação do ouro e das purpuras celestes, ostentando o joven general vencedor, agitando na viração da tarde o seu elmo emplumado!

nuel da Cruz, assistindo a orchestra da musica «Velha» de S. João de Loure. Ao evangelho, subirá ao pulpito o sr. padre Matheus, de Agueda.

E' juiz da festa o sr. Luiz Marques Dias e mordomos os srs. Manuel Pereira da Silva, João Rodrigues da Rocha, Abel Pires e Manuel de Pinho.

Grande gala—Em virtude do regresso d'El-Rei, o dia d'honrem foi considerado de grande gala.

SECÇÃO LITTERARIA

HORA SUPREMA

Daria de bom grado
Trinta ou quarenta dias do futuro,
Se o podesse fazer,
Para, moço outra vez, do meu passado,
Ingenuo, crente e puro,
Tres horas, tres sómente, reviver.

Na primeira das tres,
Aquella revivera, azul, celeste,
Em que, rosea de pejo,
Com infantil, quebrada timidez,
Suavissima me deste,
Sob as magnolias, o primeiro beijo.

Ao chegar da segunda,
Que ponto no passado evanescente
Tomára eu por mira?
Sentindo uma emoção doce e profunda,
Extasiadamente,
Da primeira as doçuras repetira.

Cavamente sonora,
Soaria a terceira: tudo em pó
Se desfaz, de fugida...
E eu sempre a reviver a mesma hora,
Que, sendo uma hora só,
Tem sido, é e será toda uma vida!

EUGENIO DE CASTRO.

(D'A Sombra do Quadrante).

Verdades que... parecem mentiras

O CANCRO E A AMAMENTAÇÃO

Dois jovens doutos, Guénot e Mercier, fizeram em França experiencias extremamente interessantes acerca do cancro dos ratos.

De todos os animaes que rodeiam o homem, só o rato apresenta tumores similhantes aos tumores malignos do genero humano.

O professor Dastre participou á Academia das Sciencias de Paris, os factos verdadeiramente singulares que Mercier e Guénot observaram em ratos cancerosos. Inocularam tumores cancerosos a ratas, em vespuras de parir. Seguiu a doença o seu curso habitual e appareceram as lesões absolutamente características.

Logo, porem, que as ratas entraram no periodo da lactação,

O bom Genio disse:
—E' certo que é um magnifico espectáculo, vêr á luz do sol degladiarem se heroes de armaduras flamantes, succumbindo no delirio da peleja. Não te occultarei, Aymon, que tens alguma probabilidade de obter o dom da poesia.

Mas voltando-se para Colomban, o Genio perguntou:

—E tu, que foi que viste?

Vi muitas cousas que não me pareceram merecer a attenção que a maioria dos homens lhes concediam. Parques reais, onde passeiam bellas princezas, deixando arrastar no saibro das avenidas os seus vestidos de setim, escoltadas pelos pavões estrellados; cortezãs que se divertem, quando lhes fallam d'amor, com o tilintar dos rubis caindo em fios candentes em uma taça feita de uma só perola; o poder dos reis, a opulência dos avarentos, o luxo, os

observou-se uma rapida regressão do cancro e em algumas operou-se a cura.

Estas felizes ratas não estavam sómente curadas; ficaram tambem vaccinadas contra qualquer nova infecção cancerosa, pois que Mercier e Guénot não conseguiram inocular o cancro a tres ratas cujos tumores haviam diminuido, durante o periodo da amamentação.

Virá a acontecer o mesmo com a mulher?

CÃES FALSIFICADOS

Como toda a gente sabe, adultera-se o leite, o café e a manteiga; falsificam-se os ovos e o azeite, e até algumas vezes o amor, mas o que ninguem terá calculado é que se chegasse já ao aperfeiçoamento de falsificar... os cães!

Ha algum tempo, uma senhora comprou em Londres um cãozinho de uma raça rarissima, pagando por elle a bagatella de 50 libras.

Dias depois a dama verificou que, apesar de todos os cuidados prodigalizados ao cãozinho, este se encontrava enfermo.

Um veterinario que foi chamado para observar o animal, disse: —Minha senhora, o seu cãozinho gosa excellente saude. O que ha, apenas, é que não cabe dentro da pelle!

E, fallando assim, mostrava uma costura perfeitamente cerzida a toda a largura do ventre do cãozinho, que não era mais nem menos do que um cão vulgar revestido de uma pele de raposa.

Mais curioso é ainda o seguinte caso occorrido em Paris, onde as senhoras são tão afeiçoadas aos tós-tós:

Uma dama comprou, nos Campos Eliseos, a um vendedor ambulante, o cão mais bello que pôde imaginar-se: pequenino, as patas muito finas e a pelle irisada.

Chegada a casa, a dona d'aquella raridade collocou-a sobre uma meza. Um gato que viu o cão, precipitou-se sobre elle e, segurando-o pelos dentes, fugiu.

A dama correu sobre elle, e quando o pôde agarrar viu com terror que o pseudo cão trepava pelas cortinas com uma agilidade impropria da sua raça.

Era uma formosa ratazana disfarçada com pelle de cão, que até no momento de sentir as caricias do gato desempenhára excellentemente o seu papel.

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Estiveram, ultimamente, em Aveiro, os nossos amigos srs. Dr. Abilio Gonçalves Marques e Avelino Dias de Figueiredo.

—Encontra-se em Aveiro, de visita aos seus, o sr. Antonio Henriques Maximo, illustre official da marinha mercante.

Partidas e chegadas

Deve partir brevemente para S. Thomé (Africa Occidental), onde é muito digno delegado do procurador da corôa e

triumphos, as glorias, o que valle tudo isso? Já desesperado de encontrar alguma cousa cuja recordação podesse viver na minha alma, entrei em uma cidade devastada pela peste. Inspirava dó ver tantos muribundos, tantos cadaveres nas ruas, no limiar das portas, em toda a parte; o contagio pesava no ar como o vento da morte. Disponha-me a sair d'essa lugubre cidade, quando vi apparecer mulheres que corriam de casa em casa, visitando os doentes, offerecendo-lhes remedios, prodigalizando-lhes consolações. No meio da multidão aterrada, só ellas não tinham medo da medonha epidemia!

Para que esses miseraveis soffressem menos, e não succumbissem no abandono, ellas affrontavam os desgostos, os perigos, a morte, talvez! Senti-me penetrado de uma fervorosa adoração por essas mulhe-

fazenda, o nosso amigo sr. Dr. Arnaldo d'Almeida Vidal, da Oliveirinha, que já se encontra em Lisboa.

Desde já, lhe desejamos uma viagem muito feliz.

—Depois de se ter demorado aqui alguns dias, de visita á sua familia, retirou na sexta-feira para o Candal (Villa Nova de Gaya), acompanhada do seu filho, a sr.ª D. Rosa Taveira.

—Já regressou de Lisboa, para onde tinha partido ha dias, o nosso amigo e conterraneo sr. Manuel Rodrigues Fernandes Junior.

—Retiraram para Oliveira de Frades a sr.ª D. Alzira Dias e a menina Micas Dias, que estiveram aqui de visita á sua irmã, a sr.ª D. Cacilda Dias, extremosa esposa do nosso amigo sr. Aristides Dias de Figueiredo.

—D'Alquerubim, onde esteve de visita ao seu pae, o nosso amigo sr. Manuel Maria Amador, retirou no dia 30 de novembro para a sua casa da Foz do Douro, acompanhada dos seus tres filhos mais novos, a esposa do sr. David José de Pinho.

Doentes

Aggravaram-se ultimamente os padecimentos do nosso conterraneo e amigo sr. José Moreira Longo, cujas melhoras sinceramente desejamos.

DOS Nossos CORRESPONDENTES

Lisboa, 1

Depois duns lindos dias de sol, voltou a visitar-nos a impertinente chuva miudinha, de molha tools, como costuma dizer-se.

—Causou grande alvoroço entre a colonia de S. João de Loure na capital a carta datada de Loure que o «Correio do Vouga» publicou no ultimo numero.

Na verdade, os factos apontados auctorisam a dizer que S. João de Loure está trasformado n'uma verdadeira Calabria! Revela isto, sem duvida nenhuma, grande incuria por parte das auctoridades.

O regeedor, que é actualmente o meu amigo Manuel Agostinho, deve proceder a frequentes rusgas. Ha necessidade d'isso. Se não o tem feito, deve fazê-lo.

—Acaba de chegar a esta cidade, vindo de Canellas, o sr. Pelagio Dias Andrade. Foi esperado na estação de Avenida por grande numero de pessoas das suas relações.

—E' aqui esperado, por estes dias, o sr. Joaquim Dias de Oliveira, de João de Loure.

—Retirou para Sobreiro o sr. Antonio Lopes. D'alli seguirá para S. João de Loure onde possui propriedades.—Melicias

Alquerubim, 30

Tem feito rigorosissimo frio estes dias, chegando a marcar o thermometro 3º acima de zero. E' extranhado, mas é tempo d'elle.

—Tem passado melhor ultimamente d'uma gravissima doença de que estava soffrendo a filha da sr.ª D. Maria Taveira, d'Aveiro, sobrinha do abastado proprietario sr. Manuel Pereira Martins, da Fontinha, pelo que os felicitamos.

—Tambem passa melhor dos seus incommodos o distinctissimo advogado desta freguezia, sr. Dr. João Eduardo Nogueira e Mello. —A.

res misericordiosas, e comprehendi que nenhum outro espectáculo poderia existir na terra mais digno de ser admirado.

O bom Genio disse:

—E' certo que é um nobre espectáculo aquelle em que se nos patenteiam as dedicações da caridade. Não te escondo, Colomban, que tens, como teu irmão mais velho, alguma probabilidade de obter o dom da poesia.

Roselin, o mais novo dos tres filhos do rei, franzino e debil como uma flor de longa haste, ainda não pronunciára uma palavra.

Interrogado, respondeu:

—Não prestei attenção ás batalhas na planicie, ao pôr do sol, nem reparei nas pessoas caritativas que soccorrem os muribundos nas cida-

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Transporte	115\$400
Jeronymo Fernandes Mascarenhas	500
Manoel Elias Vaia Junior	5\$000
Fernando d'Assis Pacheco	10\$750
Augusto Silva	1\$000
Sizenando do Carmo Oliveira	2\$000
João Ferreira Coelho	500
Um anonymo	2\$000
Clemente Nunes de Carvalho e Silva	5\$000
Somma	142\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

CASA COSTAS

E' de Oliveira do Bairro O logar da Quinta Nova, Onde está a Casa Costas Com licores de toda a prova.

Sortimento em vinhos finos: Do Porto o Generoso, Vinho Lagrima e Reserva, Vinho Nupcias, delicioso.

O Moscatel da Bairrada Esse então não tem rival, Além de ser saboroso Dá saude, é estomacal.

Ha tambem o bom Champagne E Cognacs variados, Xaropes de puros succos Muito bons e quasi dados.

Ha o de Ananaz e Ginja, Framboesas e Limão, Grenadina e Morango Que consolam o coração.

Ha tambem o de Banana, Tangerina e Capilé, Groselhas, Salsaparilha E o bom licor de Café.

Visto fallar em licores Ha um grande sortimento De todos aquelles nomes E d'outros sem esquecimento:

Ha o d'Aniz e Canella, De Granito e Marrasquino, De Hortela-Pimenta e Kúmel, De Laranja, superfino.

des devastadas pela peste. Porque, no dia da nossa partida, logo que dei os primeiros passos, vi uma cousa, depois da qual nada mais pude vêr; e de certo não serci eu que obterei o premio.

O Magico perguntou: O que foi que viste, creança?

—Ao transpor as portas de uma pequena cidade, volvue Roselin, vi a uma janella uma menina que chorava. Aproximei-me. Os seus olhos, cõr do céu, assimilhavam-se a dois forget me not, humidos da chuva. Pareceu-me formosissima. A minha attenção, porem, absorveu-se nos seus olhos, inundados de lagrimas. «Qual é, perguntei, e motivo do seu desgosto?»

—«Choro, respondeu-me, ella, porque o meu noivo, o unico ente que eu amava, abandonou-me para seguir uma cigana, que o seduziu.» E a infeliz soluçava, deixando

Ha tambem licor de Rosa, E licor de Curaçau, Ha Genebras, ha Cervejas, E Escarchado que não é mau.

E tu, leitor, se quizeres Provar bem do que mais gostas Marcha já p'r'a Quinta Nova, E procura a Casa Costas.

Esta casa sem rival, P'ra onde quer que tu fôres, E' a unica que possui FABRICA DE BONS LICORES!

LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE CARVALHO, Editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em forma clara e atrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistá, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garçon. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

pendar a fronte nas mãos brancas e esguias.

Então, chorei tambem, e depois, nas minhas viagens, nada mais vi, tanto os meus olhos permaneceram velados por aquellas deliciosas lagrimas.

O bom Genio exclamou, afagando, risonho, a sua barba branca:

—O poeta serás tu, meu filho! porque nada ha tão nobre e tão sagrado como a dôr das virgens apaixonadas; foste tu que trouxeste a recordação preciosa!

Outhorgar-te-hei o dom dos rythmos e das rimas sonoras; mas tu, que choras ao vêr chorar uma virgem, sabe, creança, que a poesia és tu!

Guomar Torrezão.

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

GRAMMATICA ELEMENTAR
DA
LINGUA PORTUGUEZA

PARA
USO DOS ALUMNOS
D'INSTRUÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR
ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino, tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de instrução primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrução Primaria, por A. M. F.

5.ª edição. . . 400 réis

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 réis Encadernado 350

MANUSCRITO

DAS
ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 réis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar Modelos aperfeiçoados de: Carteiros, Caixas metricas, Contadores etc. Esferas terrestres e armillares. Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variados de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e atrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do malgrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte.

Depois, o preço é tão modico, 120 réis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisaráo d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR
VIEIRA DA COSTA

OS TRISTES

POR
FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO
POR

ANGELO VIDAL

À venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:—Colleção de 12 quadros em papel, 306 réis. Colleção de 12 quadros collados em cartão, 27300 réis.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, cons-

tituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhacocastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisala o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

À venda em todas as livrarias



AGENCIA COMMERCIAL E MARITIMA

LEGALMENTE HABILITADA

DE

Joaquim L. G. Moreira

Agente de todas as companhias maritimas Venda de passagens para todos os portos do Brazil e Africa. Solicitam-se passaportes bem como todos os documentos para os obter. Tratam-se licenças aos reservistas de 1.ª e 2.ª reservas. Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes, etc.

Avenida Bento de Moura (em frente ao mercado Manoel Firmino)

AVEIRO

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

PUBLICAÇÕES

Portugal—anno 1\$200
« —semestre 600
Africa —anno 1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) 2\$200

Annuncios, por cada linha. . . 10 réis
Communicados, cada linha. . . 20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

2.º ANNO—N.º 49

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Com. Inri.